

REGIMES DE VISIBILIDADE DAS PRÁTICAS DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

VISIBILITY REGIMES OF THE PROFESSIONAL LIBRARIAN PRACTICES

Célia Regina Simonetti Barbalho
Doutora em Comunicação e Semiótica
Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal do Amazonas
simonetti@ufam.edu.br

Resumo

Discute a imagem do profissional bibliotecário veiculada nos diversos meios e veículos de comunicação de massa. Aborda a questão da representação social como fruto das relações efetivadas quando do fazer profissional que compõe uma imagem caricatural e estereotipada baseada no perfil do fazer tradicional, tecnicista, que permeou sua ação até o surgimento dos mecanismos informatizados de geração, armazenamento e disseminação da informação, que é limitada a uma senhora de óculos, cabelos amarrados, trajes reservados, temida pelos usuários e sem expectativa de crescimento profissional. Elege como abordagem de pesquisa a semiótica, em especial, a sociosemiótica e destaca como corpus de pesquisa as imagens expostas nos quadrinhos e nos filmes para compor a análise em tela.

Palavras-chave: Imagem profissional. Representação Social. Semiótica da imagem.

1 INTRODUÇÃO

O homem necessita interagir com seu grupo de modo a conviver harmonicamente na sociedade à qual pertence. Para tal, expressa suas vontades, seus sentimentos, suas emoções, seus projetos através de atos intencionais de comunicação manifestados pela linguagem verbal e não verbal. Tais manifestações, ao produzirem sentido na coletividade, efetuam a transposição do individual para o social, uma vez que permite trocas intersubjetivas de mensagens construídas pelas estruturas lingüísticas articuladas no plano cognitivo.

Essas trocas de mensagens ocorrem entre um destinador e um destinatário que se utilizam de lances de linguagem para intercambiar valores que se articulam de modo a gerar significações permitindo que o indivíduo veja e comprehenda o mundo.

Assim posto, é possível inferir que as manifestações que dão origem à visibilidade do profissional bibliotecário, nos mais variados meios e veículos de comunicação, constituem uma forma de expor, para uma coletividade, o fazer de uma categoria revelando

os modos com que aquele que enuncia circunscreve a profissão, fruto de sua interpretação expressa a partir de argumentos estéticos que envolvem metáforas, hipérboles, ironia, sátira ou outros recursos indispensáveis à função principal de sua produção: entreter, divertir, instalando assim dois protagonistas – emissor e receptor – e um discurso enunciado, portanto, portador de significados passíveis de serem interpretados.

Para entender as manifestações verbais ou não verbais de “[...] modo a propor uma teoria de significações que dê conta das condições de produção e compreensão de sentidos”, Algirdas Julien Greimas (1995, p.23) concebeu, a partir de uma re-significação da obra de Ferdinand Saussure, a semiótica da chamada escola francesa [i].

Para o autor, as ciências da significação procuram compreender o homem e a sociedade considerando que suas atividades são apreendidas e organizadas seqüencialmente de modo a buscar resultados que permitam a transposição do individual para o social, interpretando as formas de manifestação da linguagem.

A semiótica ocupa-se, portanto, do estudo das manifestações nos seus mais variados modos (oral, escrito, gestual, pictórico etc.), de forma a buscar compreender como o enunciador constrói o seu texto provocando determinados efeitos de sentido sobre o sujeito receptor. Assim, ela se apresenta como modo de leitura do mundo dos outros, dos simulacros por eles construídos através dos signos.

A enunciação, entendida por Beveniste (1974 apud FIORIN, 1996, p.31) como a “[...] colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”, deve ser compreendida como a ação daquele que fala no momento que fala, ou seja, trata-se da exposição do discurso de um sujeito que promove o sentido daquilo que busca pôr em jogo no processo de comunicação.

Visto sob o prisma daquele que enuncia, é pertinente destacar que, quem desenha uma história em quadrinho, cria um roteiro e a estória de um filme ou de um texto literário, por exemplo, não é o profissional bibliotecário, mas alguém que se apropria de seu universo para produzir as imagens que traduzem tal fazer na expectativa de destacar traços que o autor reconhece como próprio da cultura profissional que é apropriado pelo personagem ou pelo discurso exposto.

Deste modo, este estudo parte do pressuposto de que a imagem construída pelo autor do texto espelha a visão que ele possui do profissional e da profissão, refletida na sua

manifestação e construída em um espaço real, em um tempo histórico, enunciando performances que remetem à mediação operacionalizadora da aptidão da ocupação. Assim, debruça-se sobre o universo das tirinhas dos quadrinhos e filmografia para construir um percurso gerativo de sentido da manifestação para cotejá-lo com o perfil do profissional discutido pela literatura especializada sobre o tema.

Esta investigação parte do pressuposto de que as concepções construídas não são do profissional ou de seu fazer, mas sobre o profissional e valoração atribuída pelo outro sobre este fazer, que reflete o significado do olhar daquele que está a lhe observar e é, portanto, repleto de significações sobre conduta, atitudes e valores particulares que refletem sobre um coletivo, pois como afirma Ortega y Gasset (1993), a relação entre o homem e seu fazer se consolida pela prática individual, muitas vezes sequer percebida em função da pouca visão crítica sobre este fazer, apontando uma peculiaridade individual, algumas vezes assimilada por uma vocação e tantas outras pela obrigatoriedade do exercício desprovido de uma visão conceitual ampla da função da profissão no contexto.

2 IMAGEM: ARTICULAÇÕES DE LEITURAS POSSÍVEIS

Antes de pontuar os elementos significativos para a compreensão da retórica da imagem, é necessário destacar que embora este estudo se debruce sobre a representação social do profissional bibliotecário no imaginário coletivo, é fundamental perceber que a imagem simbólica discutida manifesta-se, muitas vezes, através da imagem visual constituída pela figura parada do quadrinho, ou pelo filme, em movimento, mas portadora de significados que se colocam para serem assimilados pelo expectador. Deste modo, trata-se de um estudo da imagem sob ambos os aspectos: pictórico e mental.

Collard, Giannattasio e Melot (1995), afirmam que na Grécia Antiga muitas eram as palavras utilizadas para designar imagem como um meio de comunicação, a saber: (a) *eikon* (ícone) que a designa como um objeto materializado pela representação; (b) *spek* (espetáculo) a aponta como algo posto para ser contemplado; e (c) *phainein* (fantasma) oferecer ao termo uma proeminência para a aparência, para a ilusão. No latim a palavra assume duas concepções: (a) *inatio* que significa experimentar uma emoção interior; e (b) *minesis* designando a reprodução mecânica de um modelo.

Este resgate etimológico permite inferir que a palavra imagem possui uma acepção muito ampla configurando-a em “[...] um princípio fundamental que mantém a unidade do mundo” como afirma Santaella (1993). De fato, embora existam muitas formas de conceituar o termo, sua função elementar é colocar em jogo aquilo que ela representa, mesmo que isto ocorra de modo simbólico.

A autora afirma também que: “Há inúmeras coisas que podem ser chamadas de imagem: figuras, estátuas, ilusões óticas, manchas, sombras, padrões, diagramas, fotos, hologramas, poemas, memórias e mesmo idéias, entre outras coisas” (SANTAELLA, 1993, s.p.) reforçando a assertiva de que ela envolve tudo aquilo que representa certa analogia com algo.

Especialmente sob este aspecto, o da representatividade, Aumont (1995) aponta que as imagens são criadas para serem vistas por alguém com capacidade perceptiva que a assimila a partir de saberes, afetos, crenças, sendo modelada pela questão social, cultural e histórica, ou seja, para o autor, a percepção da imagem não pode ser dissociada do seu contexto, o que baliza para dois aspectos importantes para este estudo que são: (a) a questão da circulação e seu veículo, como o jornal da tirinha de humor, por exemplo, que envolve recursos e estratégias de manifestação em função das especificidades de sua linguagem; e (b) a relação com as representações do ambiente de atuação do profissional que sempre são retratados para colocar em ação o espaço do seu fazer, condicionando-o, quase sempre a uma sala com muitos livros.

De fato a produção de uma imagem, seja mental ou pictórica, não é ingênuia, ao contrário ela é sempre portadora de sentidos que são assimilados para mediar algo entre o espectador e a realidade esboçada. Deste modo, uma imagem possui, segundo Aumont (1995), três valores: um de representação de algo concreto; um simbólico que patenteia coisas abstratas; e um de signo quando abstrai do real uma relação arbitrária daquilo que exibe.

Novaes (2003), ao analisar a obra *Imagen: cognição, semiótica e mídia*, de Santaella e Nöth, aponta que a cultura ocidental contemporânea entende que a imagem envolve diversificados conceitos que variam entre aquilo que é facilmente perceptível pelo olhar e as concepções relacionadas à ausência de estímulo visual, mas que são evocadas na imaginação, ou seja, que existem imagens:

- a) gráficas – desenho, pintura, escultura;
- b) óticas – espelhos, projeções;
- c) perceptíveis – dados de idéias, fenômenos;
- d) mentais – sonhos, lembranças, idéias, fantasias;
- e) verbais – metáforas, descrições.

Visto sob tais prismas, é notório destacar que há uma dualidade entre percepção, pela manifestação visual, e o que é adquirido por meio dos sentidos, da essência das coisas ou, como afirmava Platão, pelo mundo das idéias e dos modelos existentes. Santaella (1993, s.p.) complementa tal constatação afirmando que as duas últimas assinaladas só podem ser denominadas de imagem pelo sentido metafórico do termo e infere que “[...] toda imagem, por mais literal que pareça, envolve uma distorção ideológica em relação ao real”.

Na exposição da autora instala-se uma questão norteadora para esta investigação: a imagem que exibe o profissional bibliotecário como alguém que é guardião de livros, que exige ambientes silenciosos, com elevada idade, coque na cabeça, portando óculos (Fig. 1) denotando que sua profissão exige uma doação que vai além de sua capacidade mental e se instala na exposição a uma debilidade física que prejudica a sua saúde, é autofágica? Até que ponto isto é uma distorção ideológica do real ou uma mera representação da submissão ou subserviência como a profissão é estereotipada?[ii]



Figura 1 –
Imagen
tradicional

A questão a ser averiguada exige que se aborde o tema da imagem pelo prisma exposto por Landowski (1992, p.11) para quem: “Tudo o que faz sentido é construído e, por conseguinte, pressupõe um fazer de ordem ‘cognitiva’” e, o modo como constituímos os objetos são “[...] carregados de significação para os sujeitos que vivem ou que observam e,

conseqüentemente, dotadas de certa eficácia quanto à determinação das práticas”. Assim visto, o autor aponta que existem três ordens de problemas que envolvem a realidade das relações postas em jogo através do vínculo que a representação social estabelece:

- a) semântico – relativo ao estabelecimento e à organização dos valores e dos objetos significantes que o discurso manipula;
- b) sintaxe – atinente à consignação e às transformações das relações entre os sujeitos, condicionada ao mesmo tempo à circulação intersubjetiva de valores;
- c) pragmática – respectivo às condições dos elementos estruturais precedentes pelos atores reais no plano de suas práticas vividas em contexto.

Assim, as colocações de Landowski inferem diretamente nos parâmetros estabelecidos para análise corpus da pesquisa que demandam pelo exame das características semânticas que dizem respeito aos valores circulados no texto em julgamento; pela sintaxe das imagens, avaliação respaldada pelas marcações existentes como especialidade, ponto focal, geometricidade e, por fim, as representações da ação profissional e sua interação com os sujeitos individuais e coletivos que se inscrevem na manifestação.

3 SUJEITOS, OBJETOS E VALORES

Ao considerar-se que o discurso não é um aglomerado de frases, mas um todo de significação constituído pela enunciação e portador de fatos, é mister destacar que sua produção, enquanto ato real, possui um plano de conteúdo da manifestação e um plano de expressão caracterizando a forma como ele se expõe.

Neste sentido, o plano de conteúdo dos textos [iii] em questão, figuratifica a relação profissional e seu fazer, valorizando determinadas práticas na expectativa de seduzir o leitor através do emprego de argumentos retóricos, muitas vezes a partir de recursos como a caricatura ou o esteriótipo, sem a preocupação de estabelecer uma relação inequívoca com a realidade. Diana Barros (1997) aponta que isto ocorre pela manipulação que o autor promove sobre o fazer do profissional empregando recursos para criar uma oposição entre o que está expondo empregando os seguintes expedientes:

- a) Antífrase ou ironia, recurso que afirma algo que na verdade quer negar, criando um efeito de mentira;
- b) Lítotes, recurso empregado para causar um efeito de atenuação de modo a chamar a atenção dizendo menos para significar mais;
- c) Preterição, empregada quando se diz algo e, ao mesmo tempo se nega criando o efeito de dissimulação;
- d) Reticências, quando se suspende o que está sendo dito e se deixa “no ar” o que se pretende dizer, criando um efeito da sugestão.
- e) Eufemismo, ocorre quando se diz mais para significar menos, causando um efeito de atenuação;
- f) Hipérbole, quando, para causar um efeito de intensificação, é exagerado o que, na verdade, é mais atenuado.

Por se tratar da construção de sentidos sobre a ação do profissional bibliotecário, é mister apontar elementos que possam favorecer o entendimento ou não da dicotomia existente entre a representação social, expressa nos textos em questão, e o papel delineado na literatura que discute o perfil e a competência do profissional. É fato destacar que tal literatura expõe um desejo daquilo que os seus autores entendem ser o *devir*, o *vir a ser* do profissional, ou seja, trata-se da exposição de perfis e competências desejáveis construída pelo discurso dos intelectuais da área e não pelas práxis que, em princípio, parece que são estas retratadas nos textos que compõem o corpus da pesquisa.

Ferreira (2005) destaca que para ser competente em informação é necessário: conhecer e se apropriar do universo da informação; saber como buscar, acessar, organizar e apresentar a informação e avaliá-la criticamente; considerar as implicações de suas ações e conhecimentos; ser um aprendiz independente; e ter a capacidade de aprender ao longo da vida. As concepções apontadas pela autora destacam diferentes ênfases nas práticas profissionais que estão pautadas no domínio do uso das tecnologias de informação e comunicação, no conhecimento e no aprendizado. Portanto, trata-se de um processo constante de assimilação de conceitos, atitudes e habilidades essenciais para a compreensão da relação dinâmica entre a informação e seu contexto.

Ademais, é preciso assinalar que o profissional bibliotecário deve atuar no desempenho de atividades que integram o ciclo documentário (reunião, tratamento e difusão de documentos e informações) e no ciclo informacional (produção, transferência e usos da informação e de documentos).

Segundo Le Coadic (1996) a evolução da atuação profissional está diretamente relacionada ao desenvolvimento de tecnologias e eles devem possuir formação para adquirirem informação registrada em diferentes suportes com o intuito de organizar, descrever, indexar, recuperar e distribuir em seu formato original ou através de produtos elaborados a partir dela.

Threlkeld, Jensen e Royenn (1999), ao discutirem a estrutura basilar da formação profissional, apontam que ela resulta na construção da competência e atitudes do indivíduo que são influenciadas externamente pela sociedade e pela categoria como um todo; internamente pelo modo de promover sua capacitação e pelas instituições onde atuam.

Valentin (2002), ao balizar o exposto pelos autores, destaca que o perfil do profissional é norteador da estrutura formal de sua formação e apresenta quatro competências essenciais para mobilizar sua ação: de comunicação e expressão, técnico-científica, gerenciais e, sociais e políticas, capazes de influenciar o fazer para todos os fenômenos ligados a produção, organização, difusão e utilização de informações.

Diante do exposto, é notório observar que os autores apontam para um profissional com autonomia no agir em um amplo contexto que envolve a sociedade de informação constituindo sua prática com a função de fornecer a informação para todo aquele que busca construir seu processo de conhecimento.

Exposto a função do sujeito que é enunciado nos textos em questão, é necessário apontar elementos que possam constituir a compreensão do objeto de estudo: o fazer profissional retratado nos quadrinhos e nos filmes e não seu o espaço de atuação, ou seja, a biblioteca em si.

Como já destacado, a ação do profissional é exposta com intuito de promover a diversão, o entretenimento, resultante de uma projeção consciente sobre um fazer que, contudo, não se compromete com a realidade. Isto pode ser observado, por exemplo, no filme *O nome da rosa* onde, dentre outros aspectos, o bibliotecário e seus auxiliares se excluem de atender aos usuários transgredindo, deste modo, a própria razão de ser da

profissão. É fato que não se pode ignorar o contexto social e histórico em que ocorre a estória e quem seriam os usuários desta biblioteca que influenciavam no fazer deste profissional, contudo isto também não é de conhecimento do público para o qual a enunciação foi dirigida. Assim, a imagem do profissional é de censurador, manipulador e, mais uma vez, uma pessoa cega que devora literalmente as obras.

Um outro aspecto importante a ser posto em análise sobre o objeto é o espaço onde ele se insere para ser visto. Deste modo o jornal ou a tela de cinema também são portadores de significados uma vez que corroboram para a ampla disseminação da informação que as imagens veiculam. Assim, o papel do jornal é informar sobre política, moda, culinária, esporte, economia, enfim, dar a saber sobre os acontecimentos da vida cotidiana e este contrato prévio estabelecido com o seu leitor, pressupõe que seja sempre veiculada a verdade, mesmo que esta seja sempre discutível.

Ao ser exposta neste veículo, o quadrinho se impregna deste caráter de verdade e manipula o conceito público sobre a profissão, operando como porta voz arbitrário que destaca o profissional tanto como herói, que salva o aluno no momento de fazer o dever escolar, quanto como vilão que não fornece aquilo que ele deseja, conforme exposto nas duas manifestações a seguir, extraídas do acervo eletrônico existente na página pessoal do professor Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (www.ofaj.com.br).



Figura 2 – O pai da Aline era bibliotecário

Observa-se, neste texto, que o autor oferece ênfase ao que foi apontado anteriormente, destacando que a pessoa que arremessa o livro, o pai da Aline, é bibliotecário, mas que usa de “psicologia” para silenciar o usuário, seu inimigo mortal, e continuar sua leitura e submergir nesse mundo.